



(MARIO PEDERHEIRA)

HISTORIAS DO MEU CASAL



MEMIV - MEMVI



Para o experimento affectivo.
de
Dr. J. M. Mendes Fc
Jalle

Mario Pedreira

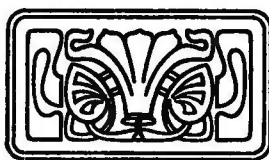
Historias do meu casal

4/1/1914

MARIO PEDERNEIRAS

Historias
do meu casal

1904 — 1906



RIO DE JANEIRO
COMPANHIA TYPOGRAPHICA DO BRAZIL
RUA DOS INVALIDOS, 93
1906

DEDICATORIA

A' Julia Meyer Pederneiras

*A ti, minha doce e resignada Com-
panheira de Vida, consagro estas pe-
quenas Historias simples das nossas
Alegrias e da nossa Desventura.*

Mario.

Meu Casal

Fica distante da cidade e em frente
A' remansosa paz de uma enseada,
Esta dos meus romantica morada,
Que olha de cheio para o Sol nascente.

Arvores dão-lhe a sombra desejada
Pela calma feição da minha gente,
E ella toda se ajusta ao tom dolente
Das cantigas que o Mar lhe chora á entrada.

Lá dentro o teu olhar de calmos brilhos,
Todo o meu bem e todo o meu empenho,
E a sonora alegria de meus filhos.

Outros que tenham com mais luxo o lar,
Que a mim me basta, Flor, o que aqui tenho,
Arvores, filhos, teu amor e o mar.

Vida Simples

A GONZAGA DUQUE

I

Vão-se as brumas do Sul...
Agora é o tempo das manhãs bizarras,
De muito Sol, de muito azul,
E do estridulo canto das cigarras.

E' o tempo do Sol que tudo anima,
Dessas largas manhãs claras e enxutas
E ainda por cima,
Das flores e das frutas.
Das longas noites que o luar acolhe,
Tão serenas, tão calmas, que parece
Que a alma do mundo inteira se recolhe
A' bondade catholica da Prece.

Com este Céu assim, doirado e fino,
E estas fecundas madrugadas louras,
Eu imagino
A alegria que vai pelas Lavouras.

Ah! quem me dera
Deixar o rumo da Cidade,
E sob a paz de lindos Céos escampos
Passar a vida na serenidade
Desta Primavera
Na largueza bucolica dos campos.

Longe das longas, intrincadas teias
Da agitação que tanto abala e cança
A Vida industrial de um grande Centro.
Deixar correr uma existencia mansa,
Tão mansa, como se corresse dentro.
Do proprio campanario das aldeias.

No remanso de um pouso
Plantado á beira de um caminho olente,
Onde passasse fresco e marulhoso
O filete sonoro da nascente.

E refazendo a Alma —
Livre esquecer dôres e males —
Na consoladora calma
Dos montes e dos valles.

Criar meus filhos nesta Vida rude
— Donos do lar e das campinas donos —
Sem luxos e atavios;
Vel-os correr ao Sol e aos frios,
Léstos, alegres a vender saude
E livres como dous colonos.

E como um grande bem silencioso,
Para animar-me para nova lida,
O lindo affecto que o viver me entona,
Dessa amiga leal, dessa que é dona
Da minha vida
E do meu pouso.

Viver assim, sem luxo e sem as penas
Que a vida farta da Cidade encerra;
Sem ambições e sem fortuna — apenas
Dono de um pouso e de um torrão de terra.

Que a outros a ambição empreste
De ouro e de fausto falsas alegrias,
A mim — que deixe terminar meus dias
Nesta aromada natureza agreste.

Que belleza de azul o Céu invade.
Ah! quem me déra,
Deixar o rumo da Cidade
E ir passar na provincia a Primavera.

II

Nós moramos aqui neste recanto
Silencioso d'enseada.
Nesta velha morada,
Que tem p'ra nós o doce encanto
De ser um velho e carinhoso abrigo
De quasi toda geração dos nossos.

(Para a nobre feição de um feudo antigo
Faltam-lhe apenas
As almenáras, os braços e os fóssos).
E aqui, nestas alegres e gozadas scenas
De uma familia pequenina e unida,
Passo o tempo melhor da minha vida.

Vem conhecer, amigo, esta locanda,
Toda aromada de jardins e horta...
Um jasmineiro em flor sobre a varanda
E cantigas de mar chorando á porta.

Tem uma vista linda...
Fica-lhe em frente
— Numa saudosa suggestão infinda —
A paysagem mais ampla e mais bizarra,
Pois que dá para a barra
E para o Sol nascente.

Quando o Verão pujante salta
E o seu temido pavilhão desfralda,
Sinto-o daqui, travez do Sol que escalda
A Terra e os Céos esmalta.

Então é lindo este pedaço
De Terra simples e consoladora,
Com sua doce claridade loura
E a sua rija atmosphera de aço.

Tão limpido é o Céu que até parece
Todo feito de argilla
E o Mar em brilhos tremulos scintilla
— Como se extranha mão de deusa ou fada
Houvesse
Espargido crystaes pela enseada.

O Mar fica fronteiro
A' nossa honesta e placida vivenda—
Um Mar de lenda,
Apertado em eterna calmaria
Na mais linda bahia
Na mais linda, talvez, do mundo inteiro.

Sob a pressão do Sol das Primaveras
Nada ha que lhe abale
A rythmada placidez dos canticos,
Quer embale
—Numa indolencia lenta de canção—
A delicada quilha das galeras,
Ou o bojo de aço
Dos transatlanticos.

Para a minh'alma de contemplativo
E de sentimental,
Que outro melhor local
Que este doce recanto em que ora vivo?

Faço daqui a minha tenda,
O meu retiro calmo de burguez ;
E' por isso, talvez,
Que por ahi já corre a extranha lenda
De que hoje o meu viver é bem diverso
Da vida estroina que eu levava,
E até mesmo — que agora eu desprezava
O consagrado culto do meu Verso.

Deixa de lado tudo quanto corre
E dessa forma ironica e discreta
A meu respeito fôr se insinuando,
Pois tu bem sabes que o Poeta
Nasce cantando
E que cantando morre.

Existe apenas esta differença,
Se hei de trazer ao Verso a dor intensa,
O intenso mal,
Da vida lá de fóra,
Sigo melhores trilhos
E agora
Vivo, para meus filhos,
Rimo os encantos deste meu casal.

Mas, afinal,
Tu não conheces os meus lindos filhos ;
Pois vem vel-os que agora este Casal
Tem mais encantos e tem novos brilhos.

Ambos são de Janeiro,
Que é o farto mez do Sol, amigo,
O rapaz é trigueiro
E a rapariga é loura como um trigo.

P'ra que da vida o resistente prelio
Possa vencer e dome,
Ao meu rapaz eu dei o nome
Sonoro, claro e vigoroso de Helio.

E seguindo
As velhas normas da galanteria
Que a poesia
Da vida meiga da mulher demanda,
A' minha filha eu dei o lindo,
O doce nome imperial d'Yolanda.

Este é o Casal que a vida me refaz
E que em summa,
Esta morada na ventura abriga,
Della banindo todo o humano mal...
Assim, é natural,
Que a minha vida agora se resuma
Neste rapaz.
E nesta rapariga.

Helio

Nasceu pelos calores de Janeiro,
A's tres da madrugada...
E foi elle o primeiro
Que encheu a doce paz desta morada,
Onde vivem amores a cuidal-o,
Deste nobre prazer sadio e terso,
Que vem do rythmado embalo
Do primeiro berço.

Elle é moreno,
Da cor trigueira dos meridionaes,
E tem olhar nostalgico e sereno
De um sonhador de ideaes.

Tem a rija expressão da gente calma,
E embora forte, vigoroso e vivo,
Canta-lhe aos Olhos a Alma
De um contemplativo.

Embora o queira, assim, despreoccupado,
Vivendo a vida placida, enfadonha,
Do que não tem idéaes e que não sonha
E a vida extranha de pensar repelle
Eu presinto que elle
Vae ser na Vida um grande delicado.

O seu sereno olhar intelligente
As vezes tem esta vivacidade
Enganadora,
Dos lindos corações da sua idade ;
Outras vezes, porém, todo se banha,
Da luz extranha,
Delicada e loura,
Da hora sentimental do Sol poente.

De vez em quando,
Principalmente em noites de luas,
Vejo-o, sosinho, attento, embevecido,
O doce olhar perdido,
Contemplando,
A larga e honesta solidão dos Mares .

Ou, quando o Sol abraza
Todo o luzente azul do Firmamento
E enche a Terra de luz e de canceira,
Vae-se acolher, em doce isolamento,
A' sombra maternal desta mangueira,
Que é todo o encanto desta nossa casa .

Ha de, por certo, ser um predilecto
Do Sonho e da Esperança,
Quem tão criança,
Tem a Alma assim sentida
E sabe contemplar
Com tanto affecto,
Duas coisas tão lindas desta Vida
— As Arvores e o Mar —

Arvores

AO DR. JULIO FURTADO.

Oh ! Arvores ! vós sois a alegria da Terra
E o consôlo de quem pela Terra moureja . . .
Quanto de extranho bem e de carinho encerra
Para o passo cançado, a sombra que rasteja.

Que desejo de paz e de descansos erra
Onde uma Arvore em flor, docemente viceja,
E não conhece a Dor, nem a Saudade aterra,
A Alma simples que vive entre a Floresta e a Egreja.

Homem bruto, incapaz, se te vence a canceira,
Se te foge a illusão, busca certo e tranquillo,
A clemencia claustral de uma velha Mangueira.

Que ella calma e feliz, sem que teu rumo sonde,
Ha de abrir sobre ti, num consôlo de abrigo,
A vasta cathedral bucolica da Fronde.

Velha Mangueira

I

Quando nós nos mudámos
Para esta vasta e paternal morada,
Que enfrenta mares d'enseada e calmos,
Esta Mangueira placida e aromada,
A' cuja sombra estamos,
Não tinha mais de uns dez ou doze palmos.

Era
A mais nova das arvores do parque. . .
Fôra plantada quando a Primavera,
Na faina alegre de seus dias ternos,
Prepara a Terra p'ra que a nutra e encharque
A benefica chuva dos Invernos.

Na intimidade dos serões caseiros
Corria
Uma lenda a respeito, que dizia,
Que aqui chegára, de presente,
Ainda pequena,
Arrancada, talvez, maldosamente,
A' liberdade rustica e serena
Da Alma aromada dos Sertões mineiros.

Era-lhe rude o tronco,
Nodoso, largo, repellente, bronco
E sem a graça vertical da linha,
Nem da folhagem...
Emfim, ainda tinha
A aggressiva expressão da alma selvagem.

Muito embora estivessemos no mez
Que a alegre faina do plantio invade
E toda a Terra em flor, ao Sol viceja,
Nós tememos que ella,
Acostumada livremente áquella
Fecunda e larga vida sertaneja,
Talvez,
Fosse extranhar os ares da Cidade ;

Entretanto,
Para nossa ventura e nosso espanto,
Não lhe fez mal esta mudança de ares,
Nem falta a calma que o sertão evoca...
Fertil lhe foi em seivas salutareas,
Este fecundo sólo carioca.

II

Aos poucos foi perdendo
Essa fórma de tronco rude e tÔsco,
De onde
Fugiam com pavor as aves;
Cresceu comnosco,
Foi crescendo, crescendo,
Tomou linhas suaves
E abriu no Espaço a cathedral da Fronde.

Tornou-se aos poucos meiga e protectora,
Abrindo a larga tenda,
— Sem o minimo claro ou menor fenda —
De uma sombra feliz, consoladora,

Que embora forte, Sol, tu nunca abrazas,
E onde se abrigam das manhãs vermelhas,
Todo um mundo de azas,
Toda uma nova geração de abelhas.

As vezes, quando eu me julgava
Atormentado,
De uma supposta magua mal contida,
Qualquer futilidade,
Ou simples desagrado,
Destes que assombram sempre a Mocidade,
Aquella sombra honesta eu procurava
Para acalmar os impetos da Vida,

E que bem que fazia aquella calma,
Aquelle nobre e salutar aspecto,
Ao meu pesado espirito tristonho
De maguas que hoje facilmente domo . . .
Sob o verde carinho desse tecto
Toda a minh'Alma
Repousava como
Dentro de um sonho.

Quantas e quantas vezes, quantas,
Longe do mundo hypocrita e perverso,
Neste aconchego placido e querido
Com que ainda me encantas,
Todo o pezar eu via convertido
No venturoso balsamo do Verso .

Era a melhor das minhas companheiras
No tempo alegre dos primeiros annos,
Quando ainda vêm longe os desenganos
E ha consôlo na sombra das Magueiras.

Quando chegou cantando a Primavera
E o Sol encheu as tardes e as estradas,
Limpendo o triste colorido jalde
Das Invernadas,
Ella já era
A mais linda Magueira do arrabalde.

III

Certa manhã dourada e enxuta,
Destas de Céu d'extranho brilho
De polidos metaes,
Toda ella vibrou nesta ventura,
Humana, immensa, delicada e pura,
Das alegrias da primeira fructa,
Que são, decerto, em tudo eguaes,
A's alegrias do primeiro filho.

Quando outra vez voltou a Primavera
E o Sol encheu as tardes e as estradas,
Limpendo o triste colorido jalde
Das Invernadas,
Ella ainda era
A mais linda Mangueira do arrabalde.

IV

Mais tarde, annos depois,
Vieste;
E entre os da Vida pedregaes e escólhos,
Abriste para nós dois,
O largo rumo da Felicidade,
E para aqui trouxeste,
No dia claro dos teus lindos olhos,
Todo o alarma da tua Mocidade.

E o nosso Amor cresceu, desta maneira,
A' sombra maternal desta Mangueira.

Hoje que outra ventura nos enflora,
Que andamos nós por mais serenos trilhos,
No caminho da Vida amplo e deserto
E carinho melhor nos prende e embala,
Que bem me faz agora
Contemplal-a
Como um pallio aberto
Sobre a linda cabeça de meus filhos.

E quando agora a vejo,
Tendo-os a meu lado,
E nelles sinto todo o meu Passado,
E' meu maior desejo
Que lhes seja a melhor das companheiras
No tempo alacre dos primeiros annos,
Quando ainda vêm longe os desenganos
E ha consôlo na sombra das Mangueiras.

V

Arda lá em cima,
Num esplendido Céu de azas vasio,
Que a luz vibrante esmalta,
O caustico do Sol em pleno Estio,
Rijo o calor esfalfe e opprima
E em tudo falte a doce paz da alfombra.

Que aqui nunca nos falta
O consôlo benefico da sombra.

A Primavera volta, o Inverno foge,
O Sol aclara as tardes e as estradas,
Limpendo o triste colorido jalde
Das Invernadas . . .

E ella ainda é hoje
A mais linda Mangueira do arrabalde.

Arvores da Rua

Com que maguado encanto,
Com que triste saudade,
Sobre mim actúa,
Esta extranha feição das Arvores da Rua...
E ellas são, entretanto,
A unica illusão rural de uma Cidade .

As Arvores urbanas
São, em geral, conselheiraes e frias,
Sem a grande expansão e as grandes alegrias
Das provincianas.

Não têm, sequer, os placidos carinhos
Destas largas manhãs provinciaes e enxutas;
Nem a orchestra dos ninhos
E nem a graça vegetal das frutas.

Vivem tão sós e tão tristonhamente...
E' que lhes falta Céu sentimental e escampo
E o doce affecto
Da camponia gente.

E é, talvez, por isso, que no campo
Cada arvore é um tecto.

Vivem para o mormaço
E nunca para o Sol radioso ;
Sem luz, alfombra
E espaço,
Onde possam abrir o regalado pouso
Da larga tenda monacal da sombra.

E para aquelle que erra
Pela da vida pedregosa estrada,
Apenas sob a protecção dos Céos,
A sombra, muita vez, é a unica morada..

Foi por isso, que Deus
Deu arvores á Terra.

As Arvores aqui têm a velha tristeza
Dos que vivem no exilio,
Longe das terras da primeira infancia.
Falta-lhes a largueza,
O tom sincero do camponio idyllio
E a saudosa impressão de uma longa distancia.

Falta-lhes horizonte
E essa luz aromal dos occasos suaves...
Como podem viver sem os moitaes floridos,
Sem valles e sem monte
Sem aromas, sem aves,
Sem a magua christã do echoar dos mugidos?

E que longe que estão as madrugadas louras,
O lindo Céu cobalto
E esse fecundo Sol que, do alto,
Enche o campo aromado
Da fartura do gado
E das lavouras.

E essa vida de humilde, essa vida modesta
Que só o campo agasalha
E que se manifesta
Pelo aspecto feliz das choupanas de palha...

E as grandes expansões
Da gente satisfeita,
Que se agita e se anima
Quando, então, se aproxima
Esse tempo feliz das novas plantações
E da nova colheita . .

Toda a vida infantil do convívio da Terra
E da gente aldeã
Honestas e francas,
Tudo lhes falta, pois ;

Desde a visão christã
De uma egrejinha branca
No cimo de uma serra,
A' grande mansidão nostálgica dos bois.

As Árvores aqui têm o ar desolado
E esta triste expressão de uma vida moderna...
Como que as faz sombrias
Esta prisão eterna,
Neste estreito horizonte limitado
Pelo frontal burguez das moradias.

Infecundas e graves,
Nota-se nellas toda a anciedade
Das extranhas lutas
Do viver anormal de uma grande Cidade . . .
E nem lhes resta o venturoso allivio
Desse doce convívio
Das aves
E das frutas.

As terras são pesadas,
Não têm como no campo, a flacidez de um collo
E o Sol que as enfraquece
E que em chapadas,
Quentes de luz sobre as arvores desce,
Augmenta a rigidez metálica do sólo.

E' por isso, talvez, que o carinho da alfombra
Não lhes vem temperar o pesado canção..
E' que tambem lhes falta o convivio bondoso
Do Céu, da luz, do espaço,
Para abrir sobre a Terra o consolado pouso
Da larga tenda monacal da sombra.

E para aquelle que erra
Pela da vida pedregosa estrada
Apenas sob a protecção dos Céos,
A sombra, muita vez, é a unica morada..
Foi por isso, que Deus,
Deu Arvores á Terra.

Don'Yolanda

Senhora dos bons Destinos,
Do reino das Esperanças,
Que andaes guiando as crianças
Com vossos Olhos divinos,
Da vida na longa trilha
Guiae tambem minha filha.

Ella é pequena, ella é sã
E da mansidão de uma ave,
E tem o nome suave
De uma princeza christã.
A dona desta locanda
E' Sua Alteza Yolanda.

Se não tem um reino infindo,
Se não tem regio thesouro,
Como o seu cabello louro
Na Terra não ha mais lindo.
São, na côr, justos e eguaes
O seu cabello e os trigaes.

E' meiga como os enlaces
Das aves e das ovelhas. . .
Tem duas rosas vermelhas
Amanhecendo nas faces.
Trouxe-a, entre palmas e bravos,
O mez do Sol e dos cravos.

Senhora dos bons Olhares,
Do reino das Esperanças,
Entre todas as crianças
A mais linda que encontrares,
Da vida na longa trilha,
E' essa que é minha filha.

Dona Lenôra

Dona Lenôra não tem tres palmos
De comprimento. .
Dona Lenôra dos olhos calmos
Enche, entretanto, meu pensamento.

Sob o carinho de um Sol bem rubro,
Num lindo berço de linho e véos,
Dona Lenôra chegou dos Céos
Num dia lindo do mez de Outubro.

Mais este encanto que nos alenta
Para a jornada que o amor nos traça;
Que os nossos dias aclara e aumenta
De mais tres palmos de vida e graça.

Nesta ventura em que me concentro,
Dona Lenôra,
Tudo o que magua e males redime,
Tornando a vida consoladora,
Cabe aqui dentro
Do teu pequeno berço de vime.

Pequeno berço que se balança
Numa cadencia leve, uniforme,
Onde entre rendas e linho dorme
Todo o universo de uma Esperança.

E' das trigueiras,
O novo encanto do nosso affecto,
Que augmenta em forças e affeição,
O bando alegre das companheiras
Do nosso tecto,
Do nosso pão.

Sob o carinho de um Sol bem rubro,
Num lindo berço de linho e véos,
Dona Lenôra chegou dos Céos
Num dia lindo do mez de Outubro.

Era uma vez.

I

Era uma vez uma tulipa azul,
—Leve nesga de Céu feita de seda—
Que á rija força do calor do Sul,
Espouçára nas sombras da alameda
De um velho paço monacal d’Hespanha.

Trouxera-a, alli, a Primavera, em Maio,
E o rijo Sol, que a curva esphera estanha,
Pela trama do Parque apalmeirado,
Assetinava-a, em levissimo desmaio,
Travez de acacias e jasmíns coado.

Era o mais elegante dos rebentos
Daquella vasta e afdalgada Flora,
Que parecia, ás vezes, de momento,
A refração do proprio tom da Aurora.

Vira-a El-Rei, e então de volta á caça
Colhera-a e á regia comitiva
Mostrára—em tom de uma ironia viva—
Aquelle exemplo de altivez e graça.

E um loiro pagem,
Braços cahidos, recurvado o dorso,
Em expressão de humilde vassallagem,
Dissera em voz maguada :

Quem não lhe inveja, Sire, a Alma de amada
E essa elegancia imperial do torso! »

Depois, tomando aquella flor bizarra,
El Rei pedira,
Que lhe dessem mais Sol e ar mais farto,
Que a collocassem na mais fina jarra,
D'encravos de saphira
E luzimentos d'ouros,
Longe das outras, isolada, á parte,
No parapeito de ambar do seu quarto.

Era um fino amator de cousas de arte,
Esse fidalgo Rei, neto de mouros.

II

« Iam-se as Invernadas...
- Foi ao luar eburnisante e farto,
« As palpebras cerradas,
« Na calentura calma do meu quarto
« Que eu vi, bem nitida e fugaz,
« Desenhar-se nos ares
« Aquella meiga apparição—tão doce—
« Como se cinzelada fosse
« Ao polimento eburneo dos Luares
« Por afilada petala lilaz,

« Aquella flor sadia,
« Que embevecido, em sonho, eu contemplava,
« Parecia,
« Que lentamente, então, se transformava.

« Primeiro foi surgindo
« A linha ampla e suave
« Do mais tumido e lindo
« Collo de ave.
« Depois, eu vi tremulo e lasso,
« Deslizar-se lenta, de vagar, a custo,
« A amphora de um busto ;
« E finalmente irradiar no espaço .
« Um esplendido corpo alvo aromal,
« Vibrantemente bello,
« Mais nobre mesmo e mais senhorial
« Que os torreões do Sul do meu Castello.

« Mas ». E magoado de desgosto
El-Rei fallava :
« Não poudes ver—e tanto procurava—
« A aromada belleza do seu rosto »

III

Janeiro,
Punha um remanso lento de indolencia
Pela curva espheral azul ferrete. . .

Jurára El-Rei, em grave confidencia
Ao seu velho e fiel alabardeiro
— Ambos a sós na paz de um miranête —

Que iria em breve pelo mundo afora.
Por novas terras e bravios mares,
Em conquista daquella que senhora
Devia ser dos mais lindos olhares,
Da mais linda cabeça.

« Que outros batalhas e torneios vençam
Disse o servo leal—« Vae » e abriu
A mão espalma em formula de benção :

« Que Deus te leve e o Amor te favoreça »

.. .. .

E El-Rei partiu,
Velas rubras abertas a estandarte—
Num leve bergantim de prôa de ouros...

Era um fino amador de cousas de arte,
Esse fidalgo Rei, neto de mouros.

IV

Tal como o pagem
Desse conto de Reis, senhorial,
Curvado o dorso
Em expressão de humilde vassallagem,

Dá-me licença, Flor do meu pensar
E dona do meu Lar,
Que eu colloque no aprumo desse torso
A tua linda cabeça imperial.

Canção Antiga

Toda de preto, de sedas densas,
Em preto á magoa que o dia goiva,
Que linda estavas, oh! minha noiva!
Na quinta-feira das Endoenças.

Que meigas calmas enlanguecidas
Tinham teus lares naquella hora...
Para que fossem como as ermidas
Nem lhes faltava Nossa Senhora.

Embora rijo, sem paz de alfombra,
Cantasse o dia flavo nos ares,
Punhas em torno esboços de sombra,
Era de tarde nos teus Olhares.

Nesta vivenda, como eu te vi,
Sob a planura de um Céu cobalto,
Num dia claro em que a luz moscarda;
Eras de um meigo Anjo da Guarda,
Que já cansado de andar lá alto,
Descera a Terra, pousára alli..

Idyllio

A minha vida agora é esta,
Agora é este o meu pequeno mundo,
Nesta vivenda simples e modesta
Com Mar á porta e Arvores ao fundo.

Vivo isolado
E alheio a tudo que vai lá por fora ;
Tudo que é meu neste casal concentro,
Pois aqui dentro
E' que vive o meu cuidado
E a minha ventura é aqui que mora.

Como que é feito para um longo idyllio ,
Onde viva a cantar
A tua Mocidade...
Daqui, por isso, faço o meu exilio,
Longe do Povo e da Cidade,
Perto do Céu, junto do Mar.

Se me faltam regalos e a agitada
Satisfação burgueza da fartura,
Tenho-te a ti, oh ! minha doce amada !
E tu vales por toda uma Ventura.

Tenho-te a ti, que me vieste quando
Seguia a vida só e toda escolhos
E novos prismas
Descortinando,
Trouxeste para as minhas scismas
A longa praia dos teus lindos Olhos.

.....

Ora, se eu tenho todo o teu carinho,
Todo o teu affecto,
Se a nossa vida é clara como o linho
Na doce paz deste pequeno tecto ;

Porque não resumir tudo que é meu
E tudo a que minh'Alma se dedica,
Neste pequeno Lar,
Que além de tudo, doce amada, fica
Perto do Céu,
Junto do Mar ?

Cantares

I

Lá baixo do meu caminho
Quando eu te vi — tu seguias
Por essa estrada de linho
Que vai ter ás Alegrias,
 Olhar em Sol, riso franco,
 Vestida toda de branco.

II

Das aves a turba louca
A cantar foi despertando.
Eras tu que ias levando
A primavera na bocca.
 Levavas p'ra quem te amasse
 Verões de rosas na face.

III

Por esta vida d'escolhos,
E' um claro trecho de pazes,
A lua cheia que trazes
No fundo claro dos Olhos.
 Toda a inveja dos Luares
 E' a luz dos teus Olhares.

IV

A tua bocca aromada
— Quando o amor abre-a risonho —
E' como a porta doirada
Do castello azul do Sonho.
 Nella de noite e de dia
 Cantam aves de alegria,

V

Seguiste, toda carinho,
O rumo da Mocidade,
Semeando pelo caminho
A triste flor da Saudade,
 Que Deus te guie, querida,
 Na triste estrada da Vida.

Maio

Desta vez
Veio fora de tempo a Primavera . . .
Vejam que azul de Esphera
E que doirado mez.

Pelo verde dos ramos,
Pela afanosa vida do colono,
Ninguem dirá que ainda estamos
No principio do Outono.

Anda a gente aldeã tão satisfeita,
Tanto se anima e aquece,
Por este extranho estio,
Que até parece,
Que muda a mansa calma da colheita
Pela bulhenta faina do plantio.

.....

Maio chegou doirado e lindo,
Trajando azul e tardes louras . .
Que fartura de Sol anda cobrindo
Os campos e as lavouras .

Que fina e leve suggestão de pazes,
De vida simples e provinciana,
Se emana
Dos seus longos crepusculos lilazes.

O ar é fino, levissimo, tympanico
E azul e loiro todo o Céu sereno...
Maio parece um principe germanico
Das balladas romanticas do Rheno.

Como que a vida é mais sadia
E os risos são mais francos
Por este mez de chrysantemos brancos
E de Maria.

.....

Mas, repara,
Tu — que tambem nesta visão concentro —
Oh! doce! Oh! rara!
Flor das companheiras!
Que esta alegria que lá vai nas eiras
Tambem anda a cantar cá dentro.

Maio sonoro mez de doce enlace
Da voz da Prece e do tanger dos Sinos,
Almas simples, cantai-o.

Dizem as lendas que quem nelle nasce
E' todo feito de bondade e calma,
E a Virgem Santa é quem lhe guia a Alma
Para os bons destinos...

E tu nasceste em Maio.

Pelo Inverno

O inverno anda por perto...
Eu bem no sinto
Nesta aragem fria
E neste Céu deserto,
Por onde aos poucos se dilue, sombria,
A luz doirada do verão extinto.

Foi-se a alegria das manhãs bizarras,
Do Sol fecundo e quente
Que a vida alenta e revigora...
E o vasto campo neblinado sente
Agora,
A saudade das ultimas cigarras.

A sombra augmenta,
Pondo lucto na Terra e no Horizonte
E pelos campos, Sol, mal te recolhas
Para lá do monte,
Ouve-se apenas a tristonha e lenta
Monotonia do cahir das folhas.

Vem perto a bruma
E esta linda Estação do occaso breve,
Do Mar, de onda revôlta,
Do exôdo das aves uma a uma...
E a Terra jaz suavemente envôlta
Na velhice romantica da neve

Que socego que vae pelas lavouras...
Que mansidão no longo olhar do gado...
A aldeia dorme em paz dias inteiros
Sem que a despertem madrugadas louras,
E o campo e o Céu... tudo abafado
Na tristeza dos longos nevoeiros.

Comtudo, eu gosto mais do Inverno
Do que das outras Estações do anno.
O inverno parece mais humano,
Mais simples e mais terno.

E se lhe falta o ar de festa
Do tempo azul das frutas e das flores,
E' a estação honesta
Da vida calma dos interiores.

No Inverno, á noite, quasi nunca eu saio
E deixo-me ficar,
Ou lendo, ou trabalhando,
Na doce paz deste pequeno lar,
Emquanto em Junho vão se dissipando
As derradeiras impressões de Maio.

Ruge lá fora o Mar batendo escolhos,
Na conquista da Terra, palmo a palmo.
A aragem fria as noites humedece...
E a minh'Alma serena aqui se aquece
No brazeiro calmo
Dos teus lindos olhos.

As flores murcham. Passaros espanta
A invernica brutal, devastadora...
E eu tenho aqui todo o verão que doura
A ave de um beijo que, em perfume espouca
E canta,
Na papoula sonora de uma bocca.

Nunca me falte, nunca, este agasalho
Em que me animo e aqueço,
Longe dos homens rudes e perversos...
Pois só assim é que eu trabalho,
E' que eu preparo e teço
A renda fina destes lindos versos.

Emquanto fóra vão se dissipando
As derradeiras impressões de Maio,
Eu deixo-me ficar,
Ou lendo ou trabalhando,
Na doce paz deste pequeno lar.

No inverno, á noite, quasi nunca eu saio.

Mar

Oh! Mar! Meu velho Mar! que aos pés desta Cidade
As torturas do Amor inconstante padeces...
Sob a paz deste Céu isolado pareces
O caminho que leva á mansão da Saudade.

Lutas contra este Amor, a quem manso offereces,
Num supplicio servil, toda a tua humildade...
Ruges a tua dor... mas desfeito em bondade
Sobre a esteira da praia, em soluço, embranqueces.

Tens um'Alma infeliz que extranha magua encerra,
E se ás vezes raivoso os teus odios revelas,
E' de tanto soffrer a repulsa da Terra.

Para ver como és bom, basta o enlevo em que rondas
O solemne vagar ondulado das vélas,
Na cadencia orchestral do balanço das ondas.

SEGUNDA PARTE

No Paiz da Saudade

*A' tristissima e intermina Saudade de
Yolanda e Lenôra, que Deus levou*

Dor Suprema

Que esta Suprema Dor que minh'Alma envelhece,
Que tanto me acabrunha e tanto desalenta,
Que repelle a Illusão, como o Sonho afugenta,
Que não cede ao Clamor, como não cede á Prece ;

Que esta Suprema Dor que me prende e accorrenta
A' magua de esperar o que nunca apparece,
Que se entranha na Vida e se alarga e que cresce
E de encontro á Alegria, em lagrimas, rebenta ;

Seja o meu calmo abrigo, o meu sereno asylo,
Onde minh'Alma vá, toda branca e alquebrada,
Pedir o Pouso e a Paz para um viver tranquillo.

E que exsurja da Treva em que agora ando immerso
Para eterna viver aqui— marmorizada—
Na tristeza immortal da Lagryma e do Verso.

Saudade

DAS QUE MORRERAM

Caminheira infeliz de alamêdas sombrias
Do marmoreo brancor dos sepulchros vestida,
E's tu que avivas, calma, esta eterna ferida
Que nos deixa a que vae para as Terras vasias.

Para a Suprema Dor que entre as lapides frias,
De tristeza em tristeza, anda exhausta e perdida,
E's a Sombra espectral do que foram na vida
Esperança, Illusões, Mocidade, Alegrias.

Ha no teu lindo Olhar extatico e sidereo,
A ancia de ver surgir para a Terra ampla e lisa,
Tudo o que jaz além deste Campo funereo.

E's o Supremo Bem, feito o Supremo Mal,
Que suffoca a Ventura e que a Dor eternisa
No impassivel Pavor de uma Vida immortal.

Voz Eterna

Tudo quanto me lembra essa extincta Ventura,
O doce Bem-Estar dessa Vida modesta,
Vae aos poucos fugindo á terrivel Tortura
Desta Saudade atroz, que é o Bem que me resta.

Ha de a Vida seguir a mesma trilha obscura
Dos que não gosam paz, dos que o Gozo molesta,
Que a Saudade conduz por esta Sombra escura
Que me péza no passo e o caminho encyprésta.

Toda lenda feliz desse tempo de Paz,
Que sempre no meu Lar ouvia proclamada,
Nunca mais hei de ouvir, nunca mais, nunca mais...

Mas a Verdade má desta Magua terrivel
Ha de á minh' Alma ser, noite e dia, contada
Pela Voz immortal de uma Bocca invisivel.

Era uma vez...

I

Um lar de gente pobre,
Pobre gente christã de vida obscura
E sentimento nobre,
Que a feia Sorte, quasi sempre avára,
Por um capricho extranho collocára
No pequenino Valle da Ventura.

E para lá chegar andava a gente
Pelas areias brancas do caminho
Dos que a ventura gozam, predilecto ;
E o mesmo Sol clemente
Que abria a Rosa e fecundava o Ninho,
Era o Sol que cobria aquelle tecto.

Não havia o rigor dessas vermelhas
E longas tardes do feroz Estio,
Nem a velhice branca dos Invernos ;
Arvores, Céu azul, ventos galernos,
Aguas sonoras de um pequeno rio
E a tristeza dos bois e das ovelhas...

Esta era toda a Natureza obscura
Do pequenino Valle da Ventura

II

Lá dentro desse Lar sereno, havia
Uma vida de simples e modesta,
Toda feita de paz e de agasalho ;
Era uma vida honesta,
Cheia do Bem e cheia da Alegria
Dos que vivem do Amor e do Trabalho.

Nunca da Magua as duras garras,
Magua vulgar, ligeira e branda,
Sombra de qualquer Dor,
Perturbaram a paz dessa morada,
Que abria, á tarde, ao longo da varanda,
A sombra perfumada
De um jasmineiro em flôr,
Para asylo do Sol e das Cigarras.

Era um Casal de alegres e felizes...
Lá dentro a calma e o Amor ; a luz cá fóra,
Desdobrada na gloria dos matizes
De um lindo Sol e de uma linda Flora.

E assim vivia aquella gente obscura
No pequenino Valle da Ventura.

III

Um dia... Havia Sol e era Janeiro,
Mez em que o Sol mais louro brilha
E a Terra é mais sadia.
Um dia,
Encheu-se a paz desse viver caseiro
Da linda graça da primeira Filha .

Certo, não cabe
Na limitada suggestão de um Verso,
A traducção da extranha melodia
Que ha no rythmado balançar de um berço. .

Só quem tem filhos sabe
Avaliar esta Alegria.

E ao novo encanto que esse Lar guirlanda
E que cantando trouxe
Nova fonte de Amor para o Casal,
Deram o doce,
O lindo nome imperial
De Yolanda.

Era feliz aquella gente obscura
No pequenino Valle da Ventura.

IV

Para aquella Casal de Alma encantada,
Era o melhor de todos os thesouros
Desta Vida de sombra tão expêssa,
O thesouro de luz dessa cabeça,
Aureólada,
Da longa mêsse de uns cabellos louros.

Nasceu no loiro mez do sol radioso,
Cujo caminho Flora altiva junca
Da alegria das Flores e das Aves.
Se era linda...
Nunca na Terra mais garboso
Encanto de Olhos tão lindos, tão suaves,
Se viu ainda.
Nunca.

E a Vida ria e tudo se alegrava.
Quando, no seu passinho incerto, de aza,
Por alli passava
Como o Anjo tutelar daquela casa.

Era o encanto daquela gente obscura
Do pequenino Valle da Ventura.

V

Um dia
Em que Ella andava a rir á Vida, á tóa,
(Nem sei como célebre
Todo o negro pavor desta Agonia)
Veio a Febre
E matou-a.
Certo não cabe
Num pobre Verso simples, incolor,
A traducção desse cruel Tormento,
Nem a grandeza desse Soffrimento.
Só quem tem filhos sabe
Avaliar tamanha Dor.

Ninguem mais viu aquella gente obscura
No pequenino Valle da Ventura.

Historia de um Berço

E' quasi sempre tão consoladora,
Tão simples, tão pequena,
A linda historia que num Berço existe,
Que até faz pena
Contar aqui a curta historia triste
Do pequenino Berço de Lenôra.

Sob o carinho de um Sol bem rubro,
Num lindo Berço de linho e véos,
Dona Lenôra chegou dos Céos
Num dia lindo do mez de Outubro.

Cerrando os élos do nosso Affecto,
Cheios de orgulho, de bens supremos,
Que a paz da Vida mantendo vinha ;
Com que alegria nós recebemos
Aquella nova companheirinha
Do nosso Pão e do nosso Tecto.

Tudo o que a nossa Ventura exprime,
Tudo o que a Vida nos alegrava,
Tudo cantava
Nesse pequeno Berço de vime.

Dona Lenôra cantando veio,
Abrindo á Vida risonhas sendas,
Sem desventuras e sem revezes;
E aquelle Berço vivia cheio,
Cheio de fitas, cheio de rendas,
Cheio da graça dos seus dez mezes.

Quando a Ventura nossa Alma agita
E um filho nasce,
(A mesma cousa com todos dá-se)
No lindo Berço que se balança
Vive e palpita
Todo o universo de uma Esperança.

.....

Na luz esbaça de um Sol já pôsto,
Deixando o Berço de linho e véos,
Dona Lenôra voltou aos Céos
Num dia triste do mez de Agosto.

Desde esse dia negro e sombrio,
Que a nossa Vida segue estas sendas
Cheias de maguas e de revezes. . .
E aquelle Berço ficou vasio,
Orphão de fitas, orphão de rendas,
Orphão da graça dos seus dez mezes.

Não via a Sorte nessa inclemencia
Que nos matava toda Alegria,
Toda a Ventura nos acabava ?
Alguem acaso, pretenderia
O curto espaço que ella occupava
No longo valle desta existencia ?

Daquella extincta Felicidade,
Daquella Vida que se partiu,
Restam as maguas desta Saudade
E esse pequeno Berço vasio.

Embora fosses tão pequenina
E teus encantos fossem fugazes,
Ah ! ninguém sabe, nem imagina,
A grande falta que Tu nos fazes.

Minha Mãe

PARA AS RECORDAÇÕES DE LAURA

I

Quando a Descrência o Coração me assalta
E de vencida
Vae-me levando est'Alma desolada,
Como eu te sinto a falta
Para vencer as urzes da jornada
Que a Magua me traçou para rumo da Vida.

E quando a passo tardo,
Em meio do caminho,
Que a Saudade desbrava, exausto, quasi paro,
Batido pela Dor que me acabrunha e em que ardo,
Que falta que me faz o bem de teu Carinho,
Que falta que me faz o teu robusto Amparo.

Olho em torno de mim, só a Saudade chora;
Se o Passado revivo e se a Vida contemplo,
Tudo parece vão, tudo parece velho;
E' que me falta agora
A doce protecção materna de um Conselho
E o consolo efficaz do teu divino Exemplo.

Se são longos os dias,
E a coragem me foge
No rude labutar desse viver intenso,
E' que eu não tenho hoje
Esse pallio de paz em que tu me acolhias
Na vasta cathedral de teu affecto immenso.

E exhausto, incerto e lasso
E tristemente só, a cada instante ouvindo,
Tristes recordações d'extincta Mocidade,
Vae o meu lento passo
As estradas senis desta Vida subindo,
De Clamor em Clamor, de Saudade em Saudade.

Quando eu te fui deixar, oh ! minha Mãe ! sosinha,
Na sempiterna paz dessa fria jazida,
Da Saudade seguindo as tormentosas trilhas,
Nos tumultos em flor das minhas lindas Filhas
Ainda ha pouco eu tinha
Enterrado tambem um pedaço da Vida.

E assim, no rumo sáfaro que trilho
Neste Valle de Lagrymas errando,
Vae a minh'Alma, em supplicas, sangrando
A mesma Dor intérmina que sae
Do meu enorme Coração de pae,
Do meu modesto Coração de filho.

II

Tu conhecestes bem a calma dessa Vida
Que nos foi tão feliz, tão simples, tão querida,
Porque tambem vivias
Nas venturas reaes
Do mundo de Alegrias
Que era, naquelle tempo, o lar de nossos paes.

Travez da larga Desventura infinda
Que hoje a minh'Alma tristemente abraza,
Como eu me lembro ainda
Dos alegres serões da nossa casa.

E esses passeios matinaes que dava
Pelo vasto jardim que ella cuidava
Com tão reaes affectos,
E de onde, embevecida,
Voltava sempre, a garrular, seguida,
De um cortejo de flores e de netos.

Ainda agora
Pelas recordações que a Vida rememora,
Neste trecho de sala, ou canto de janella,
Neste vasto jardim que o bom Sol amormaça
E esta sombra regala,
E nisto tudo que nos falla della,
A magestade de seu vulto passa
E o seu conselho maternal nos falla.

Embora extranha dor a calma nos desregre
E hoje nos appareça, entre maguas, velado,
Esse trecho feliz desse extincto Passado,
A verdade é que alli, naquella casa honesta,
Tão vasta, tão modesta,
Passava-se, afinal, uma existencia alegre.

Se não havia alli essa grave, importuna,
Burgueza ostentação da gente de fortuna,
Tudo corria bem sob o doce agasalho
Do seu querido Amor e da sua Virtude...
Era alegre o Trabalho
E havia Saude.

Ao seu enorme coração materno,
Sem negros males e ambições terrenas,
Para que o bem se afigurasse eterno

E de eternas raizes,
Bastava apenas
Ter a certeza de nos ver felizes.

E assim, a vida percorrendo,
Num rumo largo, iluminado e franco,
O dissabor do Tempo ia vencendo
Sem ter, sequer, um só cabelo branco.

III

Seguia, então, a nossa Mocidade
O seu rumo fallaz, tão docemente...
Sem uma Dor e sem um Mal profundo,
Sem conhecer nem Prantos, nem Saudade...
E assim vivia a nossa humilde gente
Como se fosse a mais feliz do mundo.

Mas tudo terminou. E agora só nos resta
Desse tempo de festa,
Triste recordação de venturas fagueiras,
Que esta Saudade atroz tristemente levanta,
De um Passado feliz que a Desventura escombra
E que tão cedo acaba.

Mas tudo terminou. E aquella vida santa
Tombou, como só tomba a fronde das mangueiras,
Arrastando comsigo o consolo da Sombra
E no surdo rumor de um Templo que desaba.

Velha Morada

A JOSÉ RIOS

Como eu te vejo agora extranha e desolada,
Tão grande, tão muda, tão vasia,
Oh ! minha velha e paternal Morada !
Berço de tanta Dor e de tanta Alegria.

Já não tens para mim aquelle antigo encanto . . .
Vejo-te, e os olhos tenho marejados
De pranto
Pela Saudade do agasalho e ninho
Que eras, em tempos que lá vão — caminho
Do mais triste de todos os Passados.

Fechadas e desertas,
Sem a doce visão dos Astros e das Vélas,
Fechadas, vejo agora estas largas janellas
Que andavam sempre, então, de par em par,
Abertas
A's vezes para o Céu, ás vezes para o Mar.

Sob a paz deste tecto,
Pela muda extensão dos longos corredores,
Na largueza das salas,
Jazem maguas e dores,
Echos de extinctas galas,
Sonhos de tanto Amor, prantos de tanto Affecto.

Atravéz desta Dôr tão funda, tão intensa,
Que em tristezas e pranto a seguir-me persiste,
Como eu te vejo triste,
Como eu te sinto immensa.

Como diversa agora me pareces,
Minha velha Morada, onde a Saudade mora,
E' que ouço que, como eu, tua Alma tambem chora
E vejo que, como eu, tu tambem envelheces.

II

Mas, apesar do aspecto veneravel
E da severidade
Da tua rija construcção antiga,
Naquelles tempos de felicidade,
Tu eras, minha pobre amiga,
Uma vivenda simples e agradavel.

Arvores davam sombras desejadas
Pela calma feição da minha gente ;
Se não tinhas o luxo dos aspectos
Da pompa exterior dos ricos tectos,
Eras, internamente,
A mais linda de todas as moradas.

Para nossa alegria,
Para consolo desta paz caseira.
Aqui tambem havia,
O encanto vegetal de aromas de horta,
Esta mangueira,
E cantigas de Mar chorando á porta.

Para seguir toda a harmonia desse
Viver feliz do nosso antigo Lar,
O Mar
Batia á praia tão de manso e doce,
Como se fosse
Um coração feliz que alli batesse.

Se te faltava este requinte externo
Da graça leve e do feitio moderno,
Guardavas dentro do teu bojo vasto,
Como quem guarda extranhas maravilhas,
Tudo o que póde haver de simples e de casto :

O Amor de minha Mãe e o Olhar de minhas Filhas.

III

Vim para aqui trazendo-te a revólta
Desenvoltura
Da minha vida alegre de rapaz ;
E saio sem ideaes,
Levando a triste Mocidade envólta
Na velhice da minha Desventura.

Vim para aqui sem magoa,
Pelos caminhos aromaes e francos
De alma festiva e clara Mocidade;
Saio pelos atalhos da Saudade,
Levando uma Alma de cabellos brancos
E os olhos cheios d'agua.

E emquanto, aqui, minh'Alma
Sobre as ruinas do Passado chora
E lembra assim tanta Illusão perdida,
Vejo e sinto lá fóra
A mesma luz no Sol, o mesmo ardor na Vida,
O céo no mesmo azul, o Mar na mesma calma.

O teu jardim floresce; e emquanto enlutas
Toda a recordação de extinctas éras
E ás mais tristes moradas te assemelhas,

Sinto o rumor de antigas Primaveras,
No bater d'azas, no zumbir d'abelhas,
No appetitoso aroma destas frutas.

Entretanto,
Já não tens, para mim, aquelle antigo encanto.

Faltam-te á vida, as vidas adoradas
Dessas que foram todo o Bem interno
Da vivenda feliz que eras outr'ora,
E que agora
Dormem o Somno eterno
Na mais triste de todas as moradas.

IV

Vim para aqui sem magoa,
Pelos caminhos aromaes e francos
De uma festiva e clara Mocidade;

Saio pelos atalhos da Saudade,
Levando um'Alma de cabellos brancos
E os olhos cheios d'agua.

Velha Mangueira

Com que tristeza amarga,
Desconsolada e rara,
Eu te contemplo agora,
Minha velha Mangueira, á cuja sombra larga
Tanta vez repousara
Toda a ventura irreal do meu viver d'outr'ora.

Pelo tempo feliz de ha dois mezes passados,
— Tempo de Sol sereno e jalde —
Tu eras, para os meus cuidados,
O sitio predilecto
Do meu pobre affecto,
E a mais linda Mangueira do arrabalde.

Hoje me traz aqui esta enorme, esta doce,
Esta incrivel Saudade em que vivo e me agito,
Das que estão sob a paz dos salgueiros esguios,
Que o Destino me trouxe
Ao calor dos Estios
E no Inverno levou para o Céu infinito.

Era aqui (com que Dor neste instante me valho
Destas recordações fundas, immorredouras)
Era aqui que eu buscava enlevado, orgulhoso,
A' volta do trabalho,
A calma de um repouso
E o Sol daquellas cabecinhas louras,

Como que ainda escuto as longas algazarras,
A alegria infantil em que as via e animava,
Na doce protecção da tua sombra honesta.
Era então para mim um momento de festa,
Sobre a gloria do Sol, que a tombar despertava
A Saudade rural do cantar das cigarras.

E mais consolo havia
Neste simples refugio verde e tôsko,
Que um fim de Sol fulvo aquecia,
Quando,
O vulto senhoril de minha Mãe chegando
Aqui ficava a conversar comnosco.

E esta arvore amiga
Por onde
Esta pobre illusão inda agora se abriga,
Cerrando ainda mais as ramadas espêssas,
A larga protecção da sua vasta fronde,
Abria, em parasol, sobre as nossas cabeças.

Aqui ficavam — meu pequeno mundo,
Minhas altas venturas,
Repousadas, assim, neste pouco de alfombra.
E que me resta agora? O silencio profundo,
Tanta recordação daquellas creaturas
E o triste funeral da tua vasta Sombra

Naquelle tempo á tua Sombra riam,
Placidas e mansas,
Alegrias de vidas sem tristezas;
E juntas se acolhiam
As minhas Esperanças
E as aves todas destas redondezas.

Hoje que a vida nas extranhas trilhas
Da Saudade infinita erra e caminha,
Debalde,
Busco esquecer as Venturas sinceras
Desse tempo em que eu tinha
O amor de minha Mãe e o olhar de minhas Filhas.
E para mim tu eras
A mais linda manguieira do arrabalde.

II

Hoje tu já não tens esse bizarro aspecto
Dos lindos dias
De Felicidade,
Em que eras toda paz, carinhos e bondade
E tanto, que me parecias
A continuação do meu pequeno tecto.

Embora o Norte,
Que nos teus ramos se embaralha e interna,
Te aqueça e cubra de calor e pó,
Estás, bem vejo, rijamente forte,
Cheia de seiva triumphal e eterna..
Mas só... Inteiramente só.

Já não me entusiasma
Este orgulho ducal em que solemne pousas..
Eu te vejo vulgar, como o vulgar das cousas;
E meu olhar não pasma
Para a tua altivez, como pasmava quando,
Defendias do Sol, que as azas desespera,
Os bandos de aves e o meu lindo bando
E eras o orgulho de uma Primavera.

Vejo-te só, sob este Céu de brazas
E o intenso calor de que partilhas
Das sonoras manhãs todas vermelhas;
Vejo-te só. Sem o rumor das azas,
O zumbir de abelhas
E a alegria infantil de minhas Filhas.

Levaram para sempre as tuas companheiras...
E eu te vejo impassível,
Toda cheia de Sol, á Saudade insensível..

E enquanto
Vai-me a Vida sangrando entre as maguas do Pranto
E o consolo da Prece,
Toda verde e aromal, tu vives e floresces. . .

És a mais infeliz de todas as Mangueiras.

Natal de um triste

Estamos em Dezembro . .
O lindo mez das impressões honestas,
Dos Presépes, das Missas e das Festas . . .

Com que tristeza dolorosa eu lembro,
Agora,
Que anda perto o Natal,
O meu tempo de outr'ora
E os alegres Nataes do meu Casal.

Mas corramos um véo
Sobre este trecho de Felicidade,
Que foi, querida, como um lindo Sonho ;
Passemos longe este Natal tristonho,
Que nos faz mais Saudade
Das nossas filhas que lá estão no Céu.

Do bulicio do Centro vim fugindo,
Hoje que a Vida tanta magua encerra,
Para este canto lindo
Dos extremos ruraes da minha Terra .

Vim para aqui, para este canto quiéto
E para a paz clemente
Deste humilde tecto,
No meio simples desta bôa gente .

Vim para aqui, para esta Aldeia branca,
Onde ha paz de Lavouras e de Egreja,
Ver e sentir como esta gente franca
O seu Natal festeja.

Na serena expansão da Crença nobre,
Ah! como deve ser lindo, expressivo
E communicativo,
O sereno Natal da gente pobre.

E fico aqui na minha Dor immerso,
Longe da Vida extranha da Cidade,
Todo entregue ao meu triste isolamento.

Sinto melhor assim este Tormento
E assim canta melhor esta Saudade
Na Lagryma do Verso.

II

Vem chegando o Natal. Ha noites claras
E a brancura christã de Prece e de Hymnos
Sobe daqui, destas paragens francas.
E' tudo branco—estradas e seáras. . .
Vem chegando o Natal; ouço-lhe os Sinos
E o seu lindo rumor de cousas brancas,

Vem chegando o Natal, Flor desolada,
Que em tristezas e maguas te estiólas,
Vem chegando o Natal, eu bem o vejo;
Ha já preparos para a Consôada
E chora pelo quintalejo
A plangedôra magua das viólas.

Vem chegando o Natal, Flor das trigueiras,
De Alma dorida toda envôlta em crépes.
Ha por tudo cantares e regalos;
Accendem-se fogueiras
E junto á paz do Lar e dos Presépes
Estala o canto vencedor dos gallos.

Vem chegando o Natal, todo coberto
Do pallio branco de um Luar d'Estios,
E vem achar o nosso Lar deserto
E dois berços vasilios.

Vem chegando o Natal; ouço-lhe os passos
Lentos e em receios,
Como presos de dores e cansaços;
Mas, em vez dos que tanto o desejaram,
Vem encontrar os nossos olhos cheios
Da tristeza de uns olhos que choraram.

Vem chegando o Natal.
Tu bem te lembras como eu bem me lembro,
Da alegria feliz com que Dezembro
Outr'ora entrava pelo meu Casal.

Dos alegres Nataes desta locanda
Resta a Saudade que nos acabrunha
È a lenda immorredoura,
Dos lindos mimos que Jesus depunha
No pequenino Berço de Lenôra,
Nos sapatinhos velhos d'Yolanda.

Pela paz desta noite alva e aromal
Vem chegando o Natal. Pura entre as Puras,
Caminheira de estradas dolorosas,
Festejemos tambem nosso Natal,
Alegrando de cravos e de rosas
A tristeza daquellas sepulturas.

Com que tristeza morbida me lembro
Dos alegres Nataes do meu Casal. .

E estamos em Dezembro
Vem chegando o Natal.

Terra Carioca

A LIMA CAMPOS

Eu precisava agora
Sahir um pouco desta vida agreste
E commercial e morna da Cidade ;
Ir para fóra,
Para o ar sylvestre,
Retemperar um pouco a minha Mocidade.

Deixar a rude e longa dobadoura
Da vida extranha de civilisado,
Cheia de nervos e de agitações ;
Ir viver socegado
A vida dos sertões
Na graça vegetal do Campo e da Lavoura .

Deixar um pouco esta monotonia
Deste viver de lutas, rude e falho,
Onde o rancor estrabico viceja ;
Esta vida brutal de quem moureja
E só consegue, ao peso do trabalho,
O seu minguido pão de cada dia.

Deixar as ruas feias, mal calçadas,
O convivio da gente rica e nobre
E esta pesada convenção burgueza,
E ao fim de uma deveza
Chegar ao pouso de uma gente pobre
Todo cheio do pó do Sol e das Estradas .

E a descançar do Sol que queima e abraza
E faz mais longa a estrada e mais deserta,
Entrar a gente pela porta aberta
Como se entrasse pela propria casa .

E em vez da longa cerimonia amarga
Com que o hospede aqui mal se festeja,
Sentir o bem dessa franqueza larga
Da hospitaleira vida sertaneja .

Sahir d'aqui, levar comigo
Todo o cortejo dos meus longos males
Para o lindo abrigo
Da vasta solidão dos Montes e dos Valles .

Ver outras terras, outro Céu diverso
E fazer poemas deste meu exilio,
Imprimindo ao meu Verso
A georgica feição dos Versos de Virgilio .

Sahir d'aqui, onde me enfarro tanto ;
Ir procurar mais Sol, mais largo Céu,
De luz que mais brilhante nos parece
Ir habitar a calma de um recanto,
Onde calmo e feliz o bem estar tivesse
Na terra que era minha, um Lar que fosse meu .

E eu que jámais fui rico e afortunado,
Nem da linhagem dos de sangue raro,
Pedindo a Deus que o Sonho me delivre,
No meu livre casal, em luz bem claro,
E no meu pobre chão, todo plantado,

Seria pobre, mas seria livre .

II

Com que triste Saudade hoje me lembro,
Nos meus planos ideaes de vidas francas,
Dessas manhãs bucolicas de Minas;
Brazileiras e quentes em Dezembro,
E em Junho, brancas,
Da brancura estrangeira das Neblinas .

Terra de paz, serena e mansa,
De largos horizontes,
Cobrando a vida de casaes felizes ;
Terra em que a Cor tem todos os matizes
Do lindo azul do Céu aos verdes montes,
Verdes, de um verde d'ultima Esperança .

Na pujança do sólo e da floresta .
E na altivez da serra sobranceira,
Ainda guardas a feição honesta
Da primitiva Terra brasileira.

Como é claro o teu Sol, que não escalda,
Que doce paz na Vida socegada,
Como é vasto o teu Céu, que não aqueces ;
Que surpresas de cor estranha, quando,
Ágreste encosta, intrepidos, montando,
Galantemente tu nos offereces
A esmeralda dos campos engastada
Entre montes e valles de esmeralda .

Teu crepusculo é lindo,
Quando, por fim, á luz que se dissóra,
Na doce unção que o fim do dia encerra,
Plange e echôa pelo Espaço afôra,
A tristeza dos bois, que vão mugindo
A longa pastoral bucolica da Terra .

Eu tinha, então, os meus vinte dois annos,
Quando, sonhando solidões de monge,
Cheio de enfaro da bohemia troça,
Para bem longe
Arrastei os meus futeis desenganos
E fui viver na roça .

Não procurei o bem estar e o gozo
Da fartura do antigo fazendeiro,
Nem preguiças e paz unicamente,
E fui armar o meu modesto pouso
Na vida calma do sertão mineiro,
No meio simples da camponia gente.

Alli passei dias pacatos,
Sem grandes maguas e sem grande assomo,
Descendo aos valles e montando á serra,
A ouvir a eterna queixa dos regatos,
Correndo mansa e tristemente como
Devem correr as lagrimas da Terra.

E o Mundo e os máos, livre, esquecendo,
Fazia versos e escutava os ninhos,
E ia assim vivendo
Ao acaso da Vida e dos Caminhos.

III

Entretanto,
Embora a infinda
E ampla Saudade que teu Céu me evoca
E que os meus dias amargura tanto,
Como eu te acho linda,
Oh! minha linda Terra carioca

Outro que fosse o meu estado d'Alma
E a garra adunca
Da Sorte má não me tirasse a calma,
Matando-me a Alegria,
E nunca
Eu te deixaria.

Não preciso buscar outros encantos,
Nem novas impressões de outras paragens,
Pois basta, para meus encantos,
O encanto das tuas paysagens.

Do Sul ao Norte
Em que outras lindas terras brasileiras,
Cujo sertão tanto commove e assombra,
Têm as mangueiras mais serena sombra,
Têm as palmeiras
Mais altivo porte?

Certo não ha neste Brazil inteiro,
Terra do Céu azul e sobranceiro,
Sem o das nevoas carregado véo,
Certo não ha, de Norte a Sul,
Um só, sequer, azul do Céu,
Que se pareça com o teu Céu azul.

O teu mar não tem fraguas
E as arvores que tens amplas, sombrias,
Tem troncos rijos como rijos musculos ;
E que outra Terra sabe dar ás maguas
Do fim do dia
O aquarellado tom dos teus Crepusculos ?

Aqui, embora o Sol caustique e torre,
Torne exhaustiva
A Terra,
Que com o teu passo de cançado tocas,
Tu tens para consolo, o bem estar que encerra
A lenitiva
Agua que corre
Das saltares fontes cariocas.

Tão lindas flôres e tão lindos fructos
Vieram
Da linda Terra que ella fortalece,
Que nossos paes lhe deram
(E ella bem merece)
A glorificação dos velhos aqueductos.

Aqui tambem existe
Essa calma feliz e o mesmo aspecto triste
Da campesina vida ingenua e seductora,
Na feição provincial em que simples se arruma,
A pequena lavoura
Dos extremos ruraes d'Irajá e Inhaúma.

Se preferisse a matta ampla, cerrada, espêssa,
Que não nos mostre o Céu e que o Sol não aqueça,
Nem o pé incivil do progresso machuca,
Arrastando minh'Alma
Eu iria pedir a desejada calma
A ' vasta solidão das mattas da Tijuca.

Se demandasse o olhar de amarguras já baço,
Outra vasta expansão, outro mais largo espaço,
Só, entre o Céu e o Mar, sem os males humanos,
Eu tinha a vastidão dessas d'extranha côr,
Abertas no esplendor dos vastos oceanos,
Praias do Arpoador

Depois, o Mar que, em raiva, impetuoso,
La fóra invade praias e desgarrá
O pesado vigor das rochas socegadas,
Entra na tua barra
E encontra amplo repouso
Na doce placidez das tuas enseadas.

Mas hoje a tua vida interna
Sob a vassallagem
Desta agitada esthetica moderna,
Vae-se movendo e transformando tanto,
Que muito breve perderás o encanto
Da primitiva plastica selvagem.

E mesmo assim, oh ! minha Terra exul,
Não obstante a rábida e convulsa
Furia de devastar montes e relvas,
Valles e arroios,
Sente-se ainda que, vibrante pulsa,
Na luz do Sol e no teu Céu azul
E nestes restos de lendarias selvas,
A rija robustez da raça dos Tamóyos.

IV

Assim, pondo de lado,
Os conselhos da velha medicina,
Eu seguirei o rumo desta sina
Que me traz ao teu solo accorrentado.

E mesmo nas agitações
Do teu viver de Luta e de Cidade,
Hei de encontrar a calma de um asylo,
Onde tranquillo,
Entre saudades e recordações,
Possa retemperar a minha Mocidade.

Se nos ares dos Campos e dos Valles,
Por serem livres e por serem francos,
O Corpo se refaz e revigora,
Nunca se curam males,
Quando arrastamos pela vida afóra,
Um' Alma triste e de cabellos brancos.

.....
Demais aquellas
Por quem feliz eu me sentia aqui,
Por quem minh' Alma, em Dôr, soluça e erra
Pelas tristezas que as Saudades trazem,
Aquellas queridas creaturas jazem
Num pedaço de Céu da tua Terra.

E assim, longe de ti,
Eu ficaria mais distante dellas.

Se agora
Pretendesse
Sahir um pouco dessa vida e desse
Rumor de agitações ; ir para fora,
Deixar as tuas ruas,
Deixar teu Céu que tanto Bem me evoca,
Eu morreria de Saudades tuas,
Oh ! minha linda Terra carioca.

ACABADO DE IMPRIMIR
AOS SEIS DE JUNHO DE MIL NOVECENTOS E SEIS.
NA COMPANHIA TYPOGRAPHICÀ DO BRAZIL.
RUA DOS INVALIDOS, 93, RIO DE JANEIRO.











BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).